



Schwanke
Sem título 1989
Plástico, madeira
Ø 1.60 x 1.60 m

Ao Marc Berkowitz

Schwanke

Currículo

- 1985 Prêmio Exposição Individual Museu de Arte Contemporânea do Paraná no 42º Salão Paranaense. Prêmio Aquisição no XXXVIII Salão de Artes Plásticas de Pernambuco. Prêmio Nominal D. J. Oliveira no II Salão de Artes Plásticas de Goiânia. Grande Prêmio Cidade de Belo Horizonte no 17º Salão Nacional de Artes Plásticas de Belo Horizonte. Destaque anual Revista Veja.
- 1986 Grande Prêmio Cidade de Americana no 2º Salão de Artes Plásticas de Americana, SP. Prêmio Construtora Norberto Odebrecht no XXXIX Salão Nacional de Artes Plásticas de Pernambuco. Prêmio Aquisição e Prêmio Exposição Individual Galeria BEMGE no IV Salão Paulista de Arte Contemporânea. Bienal Latino Americana de Arte Sobre Papel, Buenos Aires. Caminhos do Desenho Brasileiro, Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Prêmio Aquisição 9º Salão Nacional de Artes Plásticas.
- 1987 Individual Galeria Arco Arte Contemporânea.

- 1988 Prêmio 10º Salão Nacional de Artes Plásticas. Menção Especial do Juri Bienal do Rio. Prêmio Aquisição 45º Salão Paranaense.
- 1989 Cada Cabeça uma Sentença, UFJF, MAM São Paulo, MNBA Rio de Janeiro. Individual MAJ Joinville.
- 1990 Individual Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro.

Biografia

Luiz Henrique Schwanke. Joinville SC. 1951. Formado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Paraná. Vem participando de certames nacionais desde 1977, tendo realizado individual na Galeria Sérgio Milliet em 1980, no Museu de Arte Contemporânea, Sala Bakun em Curitiba, e Galeria Arco Arte Contemporânea de São Paulo. Fez parte da representação brasileira na Bienal Latino Americana de Arte Sobre Papel. De 1977 a 1989 recebeu vinte e seis premiações, em certames de Artes Plásticas.

Luiz Henrique Schwanke foi um dos artistas escolhidos para integrar a I Bienal de Escultura ao Ar Livre do Rio de Janeiro, que seria realizada em novembro de 1988 aqui mesmo na Escola de Artes Visuais e no seu entorno, o Parque Lage. Uma soma perversa de fatores adversos, mas principalmente a burocracia governamental, impediu a realização do evento. Mas fica a decisão do júri nacional que ao escolhê-lo para a Bienal acertou em cheio, afinal, Schwanke é um dos mais inventivos e originais artistas brasileiros. Nascido e residindo em Joinville, Santa Catarina (viveu algum tempo em Curitiba) Schwanke é, no entanto, um artista perfeitamente entrosado no circuito nacional, tendo sido premiado em todos os principais salões de arte do país nos últimos dez anos, inclusive no Salão Nacional, assim como realizou individuais no Rio e em São Paulo. E com frequência viaja para o exterior. Assim, a arte que ele cria nada tem de folclórica ou regionalista. Só para lembrar, Joinville é uma das cidades mais industrializadas do país e é com o plástico, matéria prima universal, que Schwanke realiza seus trabalhos.

Seria dispensável lembrar estas coisas, mas ocorre que o Brasil reproduz, internamente, a relação colonizadora de que é vítima no plano internacional:

Rio e São Paulo sempre ditaram normas para o resto do país, esquecendo ou recalando deliberadamente a obra realizada por artistas de outras regiões. No entanto, com sua peculiar imaginação criativa e sua inteligência visual, Schwanke realizou trabalhos que iriam servir de matriz para outros artistas hoje muito mais conhecidos e badalados, como quando ocupou parte do espaço da Galeria Sérgio Milliet com papéis amassados (com "papéis que não deram certo", como ele diria), para citar apenas um exemplo. Sempre bem informado, Schwanke transita com naturalidade por vários ismos contemporâneos, porém, imprimindo, em cada um deles sua marca pessoal. Antes, ao reverter imagens pelo processo heliográfico, com toques de humor, aproximou o Hiper-Realismo da Arte Conceitual. Durante algum tempo, deu à Pop-Art um tratamento quase néo-expressionista, ao esboçar rápida e toscamente rostos humanos, alguns com a língua de fora, sobre páginas de jornal ou folhas de velhos cadernos ou livros contábeis. Em seus trabalhos mais recentes, que revelam, no artista, uma vontade construtiva, ele retoma questões abandonadas pela Pop-Art e pelo Novo Realismo e se aproxima de outras, colocadas pela nova geometria e o Simulacionismo.

Schwanke
Sem título 1989
Plástico, ferro
2.10 x 2.10 x 0.36 m



Os perfis que ele reúne em painéis de grande impacto visual, ilustram bem os múltiplos significados de sua obra. Nas primeiras leituras feitas pela crítica, observou-se um sentido crítico em relação à sociedade atual, um *relais* social. Na ata do 17º Salão Nacional de Belo Horizonte (1985), o júri de críticos que o premiou anotou que "Schwanke faz desfilarem em ritmos gráficos, ágeis na sua contundente ironia, seqüências de perfis que expressam a gama de reações do homem na sua dolorosa relação com o mundo". Pouco depois, em 1986, Adalice Araujo anotaria que "estes perfis humanos, longe de serem clichês, representam a voracidade, a violência e o caos individual", acrescentando que "os uivos da fera humana mostram os despojos de uma sociedade brutalizada que está se autodestruindo".

Pouco a pouco, entretanto, a crítica começou a perceber nestes rostos perfilados em grandes painéis, uma intenção mais propriamente construtiva, uma agressividade que é mais visual que expressiva. Isto é, percebeu um forte ritmo visual que "demonstra um processo adiantado de pesquisa essencialmente ótica" (Radhá Abramo).

Com toda certeza, o modelo dessas obras estava na maneira absolutamente neutra e des-hierarquizada como Andy Warhol tratava as imagens de Elvis Presley, Jackie Kennedy, Marilyn Monroe, Mao-Tsé Tung, Coca-Cola, sopa Campbell ou de uma cadeira elétrica. Schwanke poderia dizer, como seu colega norte-americano que "thirty are better than one", ao repetir de modo obsessivo suas caras/carrancas, tal como Warhol agiu em relação à imagem da Mona Lisa de da Vinci. O que difere um do outro, num primeiro instante, é a temperatura do desenho (do gesto que funda a imagem) absolutamente *cool* no norte-americano, *hot* no brasileiro. Vivendo em sociedades diferentes, o primeiro optou pelo distanciamento emocional, dando um tratamento quase industrial à sua obra, enquanto o segundo realizou um trabalho áspero e visceralmente participante. Porém, o que Schwanke acabou provando, à semelhança de Warhol, é que na sociedade atual, do *doping* publicitário, até mesmo a crítica mais contundente acaba se anulando em meio à banalidade imagética do consumo.

Tratava-se, então, de despolitizar sua criação, resgatando daquela série apenas o seu conteúdo

visual. Mantidos os princípios da acumulação e da repetição, subverter o significado do objeto industrial e seriado, e, através dessa subversão, realizar um trabalho de reeducação do olhar. Foi o que Schwanke fez, em seguida, dando coerência interna à sua obra. Arrancou de seu contexto e usou objetos absolutamente banais - baldes, bacias, maletas de ferramentas, galões, mangueiras, prendedores de roupas, tudo de plástico e produzido em série - reagrupando-os segundo esquemas construtivos e simulando novas funções que, em última análise, são as funções da arte. Em outras palavras, nos trabalhos aqui expostos, Schwanke não se comporta como um autor de assemblages, menos ainda de ready-mades, apesar de alguns lances duchampianos em sua obra. O que ele propõe é uma ponte, que parecia improvável até recentemente, entre a Pop-Art e a arte construtiva. Concluída a obra, o que menos importa é identificar o material empregado, seu conteúdo sociológico. Schwanke explora as possibilidades visuais desses objetos industrializados, simula novos objetos e funções. Os objetos industriais apropriados são encarados como módulos de estruturas minimalistas, óticas ou cinéticas, como nas colunas de baldes, que poderiam ser infinitas como as de Brancusi, ou como *objetos* irônicos, verdadeiros trocadilhos visuais, como o grande disco, os camarões e as bananas criadas com o plástico de mangueiras. E assim, ao mesmo tempo que critica uma falsa "brasilidade", reafirma, mais uma vez, a peculiaridade da arte construtiva brasileira e latino-americana.

É preciso dizer, finalmente, que Schwanke abre com seus trabalhos, novas perspectivas para a arte pública. Ao levar para as ruas, parques e jardins um ideário construtivista (Op-Art, Cinetismo, Minimalismo), ou melhor, ao estruturar, em obras públicas, estes objetos banais segundo o rigor da linguagem construtiva, ele realiza uma importante tarefa educativa. Afinal, estas colunas e estes objetos criados por Schwanke acabarão por remeter de volta o olhar do espectador para as estruturas já existentes em nosso meio formal. Quantidade transformada em qualidade visual, a percepção estética sobrepondo-se ao utilitarismo da vida cotidiana.

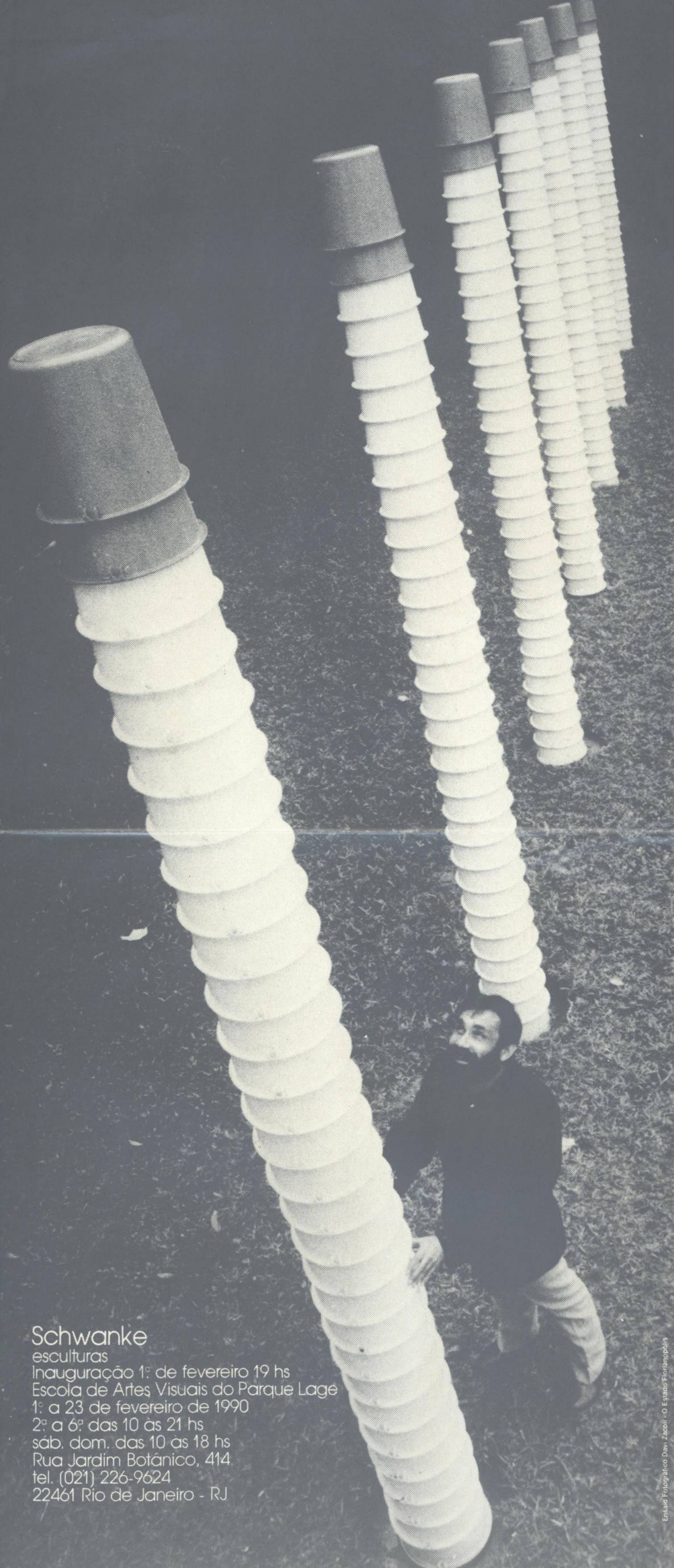
Frederico Morais
Rio, dezembro, 1989

Encontros
Culturais 

CORPORAÇÃO HB

Patrocínio





Schwanke
esculturas
Inauguração 1º de fevereiro 19 hs
Escola de Artes Visuais do Parque Lage
1º a 23 de fevereiro de 1990
2º a 6º das 10 às 21 hs
sáb. dom. das 10 às 18 hs
Rua Jardim Botânico, 414
tel. (021) 226-9624
22461 Rio de Janeiro - RJ

Ensaio Fotográfico Davi Zacoll - O Estado Florianópolis

LUIZ HENRIQUE SCHWANKE

esculturas

Inauguração 1º de fevereiro 19 hs
Escola de Artes Visuais do Parque Lage

1º a 23 de fevereiro de 1990

2º a 6º das 10 às 21 hs

sáb. e dom. das 10 às 18 hs

Rua Jardim Botânico, 414

tel. (021) 226-9624

22461 Rio de Janeiro - RJ



*Encontros
Culturais* **HB**

CORPORAÇÃO HB

Patrocínio

